Outras faces da violência*

Mario Sergio Cortella

Filósofo. Mestre e Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde também atua como Professor-Associado do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e do Pós-Graduação em Educação. Foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo (1991-1992).

A violência é tema aterrorizante em nosso cotidiano; poucos deixam de ter alguma experiência (própria ou próxima) com ela, sejam os assaltos e latrocínios, sejam os seqüestros (relâmpagos ou não) e as ameaças à integridade física e patrimonial, nas casas, escolas e ruas. A mídia se refestela; mesmo levando em conta sua tarefa de informar e alertar, é preciso lembrar que há tempos não havia um assunto tão sedutor. Violência é notícia; má notícia, mas, infelizmente, e, por isso mesmo, mais atraente. A mórbida relação pânico/salvação (fundamento, também, de algumas religiões e vários partidos políticos liberticidas) invadiu as preocupações da população; mostra-se o fato, instaura-se o pânico, anuncia-se a salvação!

Diagnóstico mais comum para a situação? Falta de firmeza e excesso de impunidade! Terapias recomendadas (algumas delirantes, outras demagógicas e, muitas, equivocadas): pena de morte, presídios em profusão, truculência policial, abrigos de "segurança máxima" para menores, diminuição da maioridade penal etc.

Ora, todas as formas de violência mencionadas precisam ser combatidas e extintas; são inaceitáveis e merecem urgência no enfrentamento de suas causas e na prevenção de seus efeitos. Porém, não são as únicas, não estão sozinhas; as demais (e as há em grande quantidade) são obscurecidas por aquelas que vêm tendo destaque exclusivista. Essas outras violências (contra os corpos e as mentes) favorecem (mas não tornam justas!) as que estão em evidência.

* Síntese de palestra proferida no 9.º Seminário Internacional do IBCCRIM.

Violência e impunidade é, também, impedirem a manifestação do pensamento livre e da individualidade responsável; é constrangerem os corpos com a dor da fome e a agressão da doença sem socorro; é admitirem a crueldade da tortura, da degradação brutal do local no qual se vive, o padecimento provocado pela não-convivência com aqueles a quem se ama. Violência e impunidade é, também, ser vitimado pela falta de trabalho, ser humilhado pela ausência de estudo, ser desprovido de um lazer sadio, ser mortalmente ferido pela discriminação de qualquer tipo. Violência e impunidade é, também, ser violentado pelo embaraço traumático da religiosidade, da sexualidade, da amorosidade. Violência e impunidade é, também, em suma, admitir que apodreçam as esperanças, extirpem os desejos e a sacralidade das vidas.

Todos falamos em paz, mas, paz é, antes de tudo, algo a ser socialmente compartilhado; não pode ser paz para uns poucos. A paz, para sê-lo de fato, deve ser coletiva e tem um pressuposto apontado fortemente por Paulo Freire (que, por propor uma educação apoiada no diálogo, foi entendido por alguns como alguém que identificava a paz como sinônimo de apaziguamento e anulação de conflitos já no presente). Ao receber o Prêmio *Educação para a Paz* da Unesco em 1986 deixou bem claro qual era sua convicção: "De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela. A paz se cria, se constrói, na e pela superação de realidades sociais perversas. A paz se cria, se constrói, na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças, o torna opaco e tenta miopisar as suas vítimas".

O verbo *miopisar* chama nossa atenção para algo que não se refere a uma ilusão de ótica, mas, sim, a uma *ilusão de ética*. É a ilusão provocada por uma ética que aceita a noção de paz como legitimação calma e tranqüila de benefícios e vantagens sociais exclusivas para alguns, enquanto o restante (maioria gritante) reduz-se a meros sobreviventes frágeis de um processo impiedoso de exclusão.

Assim, a paz só se alcança com a anulação de todas as faces da violência e, só há justiça, se todos tiverem paz.